

VARIAÇÕES LINGUÍSTICAS E O PRECONCEITO LINGUÍSTICO NO ENSINO DO PORTUGUÊS

Cibele Elias da Silva¹

Demisa Francisca Pires²

Paola Cristina Paixão Aleixo Gomes³

Suzamary Almira de Figueiredo⁴

Uilma Honorato dos Santos⁵

Resumo: O presente artigo busca uma análise acerca das variações linguísticas e o preconceito linguístico, temas estes abarcados na matriz curricular do curso. Inicialmente notada pela sociolinguística, a variação linguística é um fenômeno natural que ocorre durante a comunicação diária. Ela se manifesta na diversidade da linguagem, seja no vocabulário, na pronúncia, na morfologia ou na sintaxe. Essas mudanças são influenciadas por uma série de fatores, como a região geográfica, o sexo, a idade e a classe social do falante, além do grau de formalidade do contexto. A língua é flexível e dinâmica, adaptando-se conforme a situação. No entanto, o preconceito linguístico surge quando as variações não são reconhecidas. Para combater esse preconceito, é crucial promover o entendimento das variações linguísticas, principalmente no ambiente educacional. O trabalho é fundamentado em Marcos Bagno (1999), Sírio Possenti (1999), entre outros, resultado de um estudo de revisão bibliográfica.

Palavras-chave: Variações Linguísticas. Preconceito Linguístico. Português.

1 Especialização em Psicopedagogia Institucional pela Faculdade de Educação São Luís (FESL). E-mail: cibeleftabiano070@gmail.com

2 Especialização em Psicopedagogia e Educação Infantil pelo Instituto Superior de Educação de Ibituruna (ISEIB). E-mail: demisapires2014@gmail.com

3 Especialização em Psicopedagogia Institucional pela Universidade Cândido Mendes. E-mail: cristinepaixaum@hotmail.com

4 Especialização em Libras pela Faculdade São Luís. E-mail: suzamaryfigueiredo@gmail.com

5 Especialização em Psicopedagogia Institucional pela Rede Futura (Faveni). E-mail: uilma_lila@hotmail.com

Introdução

A variação linguística, fenômeno intrínseco às línguas, reflete a diversidade e a flexibilidade inerentes à comunicação humana. Observada inicialmente no campo da sociolinguística, manifesta-se através de mudanças no vocabulário, na pronúncia, na morfologia e na sintaxe, sendo influenciada por fatores como a região geográfica, o contexto social e a formalidade da comunicação.

No entanto, quando a falta de compreensão das diversas formas de expressão linguística leva à estigmatização e ao preconceito, surgem barreiras no pleno reconhecimento e respeito pela riqueza cultural e linguística de uma comunidade.

Nesse contexto, a conscientização sobre a natureza da variação linguística e a sensibilização para a necessidade de uma abordagem inclusiva e respeitosa tornam-se fundamentais para a promoção de uma sociedade linguisticamente justa e igualitária.

Diante do exposto, o trabalho é fundamentado em Marcos Bagno (1999), Sírio Possenti (1999), entre outros, por meio da revisão bibliográfica, objetivando-se contribuir para o rompimento de estereótipos associados à língua portuguesa, propagar informações sobre as variações linguísticas, enfatizar a valorização das variações linguísticas e esclarecer o papel fundamental do educador na orientação dos alunos no que tange ao respeito às diversidades da língua.

Desenvolvimento

As variações linguísticas e o preconceito linguístico são tópicos fundamentais no estudo da linguagem e na compreensão da sociedade contemporânea. A língua é uma ferramenta de comunicação essencial, e, à medida que os seres humanos interagem e se adaptam a contextos diversos, a linguagem também se diversifica. Neste trabalho, será explorado a relação entre as variações linguísticas e o preconceito linguístico, examinando sua importância, causas e maneiras de superá-lo.

As variações linguísticas referem-se às diferenças na forma como as pessoas falam, incluindo a pronúncia, o vocabulário e a sintaxe. Elas podem surgir por vários motivos, como diferenças regionais, culturais, sociais e históricas. Essas variações enriquecem a língua e refletem a diversidade e a riqueza das culturas humanas. No entanto, em muitos casos, essas

diferenças são alvo de preconceito linguístico.

O preconceito linguístico ocorre quando uma variedade linguística é considerada superior a outra. Geralmente, as variedades associadas a grupos socialmente privilegiados ou regiões economicamente desenvolvidas são consideradas “melhores” ou “mais corretas”, enquanto as variedades associadas a grupos marginalizados ou regiões menos favorecidas são estigmatizadas. Isso pode levar à discriminação, ao desrespeito e à exclusão de pessoas com base em sua forma de falar.

As causas do preconceito linguístico são complexas e multifacetadas. Em muitos casos, ele está enraizado em preconceitos sociais e culturais mais amplos. Além disso, a falta de compreensão e educação sobre as variações linguísticas contribui para a perpetuação desse preconceito. A mídia e a educação desempenham um papel significativo na disseminação de estereótipos linguísticos, muitas vezes retratando determinadas formas de fala como mais “adequadas” ou “inteligentes” do que outras.

Para superar o preconceito linguístico, é fundamental promover a conscientização e a educação sobre as variações linguísticas. Os educadores desempenham um papel crucial nesse processo, ensinando aos alunos que não existe uma única forma “certa” de falar. As escolas devem valorizar e respeitar a diversidade linguística, incentivando os alunos a reconhecerem a importância de variedades linguísticas e a compreender que todas elas têm seu lugar legítimo na comunicação.

Para tanto, a pesquisa bibliográfica é essencial para embasar a investigação do tema por meio de estudos publicados e validados, cumprindo o propósito e respondendo à problemática do trabalho. Por conseguinte, serão examinados livros, artigos e sites pertinentes ao assunto em questão. Segundo Gil (2002 p.44) “a pesquisa bibliográfica é desenvolvida com base em material já elaborado, constituído principalmente de livros e artigos científico”.

Tipos de variações linguísticas da língua portuguesa

A expressão oral é o meio predominante de interação entre indivíduos, no qual compartilham seus pensamentos e emoções. Esse tipo de comunicação é frequente ao longo do dia e envolve uma variedade de interlocutores. Consequentemente, a linguagem falada não se mantém estagnada, visto que está sempre se ajustando e evoluindo.

É crucial compreender que, mesmo se a linguagem empregada não

for considerada apropriada para um contexto específico, contando que ajude o interlocutor a entender a mensagem, a comunicação alcançou seu objetivo.

A linguagem, como forma essencial de expressão, é influenciada pela cultura, região, período histórico, contexto, experiências e necessidades tanto individuais quanto grupais, o que resulta em sua constante mutação e adaptação.

O uso de uma ou outra forma de expressão depende, sobretudo, de fatores geográficos, socioeconômicos, de faixa etária, de gênero (sexo), da relação estabelecida entre os falantes e do contexto de fala. A imagem de uma língua única, mais próxima da modalidade escrita da linguagem, subjacente às prescrições normativas da gramática escolar, dos manuais e mesmo dos programas de difusão da mídia sobre o que se deve e o que não se deve falar e escrever, não se sustenta na análise empírica dos usos da língua (BRASIL, 1998, p. 29).

Nesse contexto, variedade linguística concerne à diversidade de formas e estilos de linguagem presentes em uma determinada comunidade linguística. Ela abrange variações regionais, sociais, culturais e situacionais, que são manifestadas por meio de diferentes sotaques, expressões idiomáticas, gírias e vocabulários específicos. As variedades linguísticas são intrínsecas à natureza dinâmica e viva das línguas, refletindo as características e a identidade de diferentes grupos sociais.

Seguindo a definição de Costa (2012, p. 5):

etimologicamente, o termo variação vem do latim “*variatione*”, significando variedade, ato ou efeito de variar (se). Variar por sua vez significa tornar vário ou diverso, alterar, mudar. No dicionário do Câmara Jr. (1981 p. 239), variação é “consequência da propriedade da linguagem de nunca ser idêntica em suas formas através da multiplicidade do discurso”. Nesse sentido é que se define variação linguística como o fenômeno que envolve múltiplos e concomitantes usos de formas com o mesmo significado linguístico, marcado por diferentes significados sociais, segundo o contexto em que ocorrem.

Da mesma forma, defende Gomes (2007):

Temos a língua portuguesa como uma entidade social que todos nós, brasileiros, adquirimos como falantes nativos e que a nós pertence, como nos pertence a identidade de sermos brasileiros. É essa identidade que nos faz cidadãos de pleno direito neste país. Contudo, num país de dimensões continentais, com uma rica diversidade cultura, mas com enormes diferenças sociais, os falares

se realizam de formas também plurais. A língua que falamos é a mesma, isto é, todos nós usamos o mesmo sistema linguístico chamado português brasileiro. A fala de cada um de nós, no entanto, é diversificada, individualizada, heterogênea (GOMES, 2007, p. 65).

É conhecido que há diversas formas de pronúncia, vocabulários e estruturas gramaticais que variam conforme a região. Nesse contexto, o papel do professor é evidenciar que qualquer expressão linguística deve ser analisada e explicada dentro de um quadro científico apropriado. A língua é responsável, segundo Biderman (1899), por transmitir a herança cultural de um povo que carrega aspectos de vida, das crenças e valores de uma sociedade.

Nesse sentido:

A língua portuguesa, no Brasil, possui muitas variedades dialetais. Identificam-se geográfica e socialmente as pessoas pela forma como falam. Mas há preconceitos decorrentes do valor social relativo que é atribuído aos diferentes modos de falar: é muito comum considerar as variedades linguísticas de menor prestígio como inferiores ou erradas. O problema do preconceito disseminado na sociedade em relação às falas dialetais deve ser enfrentado, na escola, como parte do objetivo educacional mais amplo de educação (Bagno, 2007, p. 27).

Posto isso, há quatro tipos de distinção dentro das variações linguísticas. Sendo elas, históricas (diacrônicas), geográficas (diatópicas), sociais (diastráticas), estilísticas (diafásicas):

As variações históricas abordam as transformações linguísticas ao longo do tempo. Alguns termos caíram em desuso, enquanto outros emergiram e certos termos se modificaram com o passar dos anos. Para Coelho (2010, p. 13) “a língua é analisada como um produto de uma série de evoluções que ocorrem ao longo do tempo, portanto como algo mutável, dinâmico.”. Compreende-se que, comparar o português antigo com o português moderno revela muitas mudanças.

Por conseguinte, as variações geográficas dizem respeito às diferenças na linguagem, incluindo pronúncia, vocabulário e sintaxe, que surgem em diferentes regiões geográficas. Essas variações refletem a influência de fatores como cultura, história e contato linguístico na formação de diferentes dialetos e sotaques ao redor do mundo. É aquela onde podemos identificar, “às vezes com bastante precisão, a origem de uma pessoa através do modo como ela fala” (COELHO, 2010, p. 76)

Já as variações sociais, se referem às diferenças linguísticas que surgem em função de diferentes grupos sociais, como classes sociais, grupos étnicos, gerações e outros estratos sociais. Essas variações podem se manifestar em termos de vocabulário, pronúncia, sintaxe e até mesmo no uso de gírias e jargões específicos de determinados grupos sociais. É “onde a fala pode refletir diferentes características sociais dos falantes” conforme defende Coelho (2010, p. 78). A linguagem é influenciada por fatores sociais como educação, status socioeconômico, profissão e identidade cultural, contribuindo para a diversidade linguística dentro de uma comunidade ou sociedade.

Por último, as variações estilísticas relacionam-se às diferentes formas de linguagem que são empregadas de acordo com o contexto comunicativo e o propósito específico do discurso. Essas variações podem incluir diferenças na escolha de palavras, estruturas sintáticas, figuras de linguagem e outros elementos linguísticos que são utilizados para expressar nuances específicas de estilo, tom e intenção comunicativa. A variação estilística permite aos falantes adaptarem sua linguagem de acordo com diferentes situações, como formalidades, contextos informais, literatura, mídia e outros tipos de discurso.

Coelho (2010, p. 85) salienta que:

(...) sabemos que a escrita, por geralmente estar associada a ambientes de maior monitoramento linguístico, costuma impor a seus produtores regras mais rígidas de conformidade às formas da variedade padrão. (...) ainda assim na escrita encontramos formas mais ligadas às variedades de prestígio. Na fala, encontramos formas mais ligadas à linguagem coloquial.

Considerando o cenário de diversidades linguísticas, e tendo em mente a evolução contínua do perfil dos estudantes influenciada pelos aspectos temporais, culturais e tecnológicos, é crucial que o professor assume o papel de um motivador para a reflexão, análise e compreensão no ambiente educacional. Isso permite que os alunos reconheçam a legitimidade de todas as variações linguísticas e compreendam o contexto apropriado para o uso de cada uma delas.

O preconceito linguístico no ensino da língua portuguesa

A raiz do preconceito linguístico reside na convicção de que há apenas uma forma correta de expressão, seguindo uma hierarquia

específica: normas escolares, gramaticais e dicionários, enquanto qualquer desvio desse padrão é rotulado como incorreto.

Ou seja, o preconceito linguístico é uma forma de discriminação que se manifesta pela desvalorização ou marginalização de determinadas variedades linguísticas em relação a outras consideradas mais prestigiadas ou padrão. Isso pode levar a estigmas sociais e culturais, prejudicando a autoestima e a inclusão social de indivíduos que falam essas variantes estigmatizadas. O preconceito linguístico pode se manifestar em contextos educacionais, profissionais e sociais, perpetuando desigualdades e dificultando o acesso a oportunidades para falantes de variedades não padrão.

É o que nos explica Sírio Possenti (1996, p.19):

O preconceito é mais grave e profundo no que se refere a variedades de uma mesma língua do que na comparação de uma língua com outras. As razões são histórias, culturais e sociais. Aceitamos que os outros falem diferente. Mas, não aceitamos pacificamente que os que falam ou deveriam falar a mesma língua falem de maneira diferente.

Com tantas variações e nuances, percebemos que cada ambiente social naturalmente promove uma forma mais ou menos apropriada de expressão, enfatizando a importância de compreender que as variações linguísticas existem para facilitar uma comunicação adequada ao contexto específico.

Contudo, as múltiplas formas de comunicação acabam adquirindo status social, que varia em função de preconceitos enraizados na sociedade. Variações linguísticas associadas a grupos de maior poder econômico, influência ou a regiões consideradas “desenvolvidas” frequentemente recebem mais destaque e preferência em comparação às variedades linguísticas ligadas a comunidades de menor poder econômico, marginalizadas, sujeitas a preconceitos ou estigmatizadas.

Dessa forma, surge o preconceito linguístico, enraizado em um sistema de crenças que estabelece certas variantes linguísticas como “mais corretas” do que outras, resultando em uma avaliação negativa de formas de fala distintas daquelas consideradas “superiores”. O preconceito linguístico, em essência, reflete a reprodução no âmbito linguístico de um conjunto de valores sociais, econômicos e culturais.

É preciso, portanto, que a escola e todas as demais instituições voltadas para a educação e a cultura abandonem esse mito de

“unidade” do português no Brasil e passem a reconhecer a verdadeira diversidade linguística de nosso país para melhor planejarem suas políticas de ação junto à população amplamente marginalizada dos falantes das variedades não-padrão. (BAGNO, 2006, p.18)

Entretanto, ao examinarmos as diversidades linguísticas, percebemos que não existe uma única forma de expressão e, por conseguinte, não há um único método correto. A linguagem e sua manifestação variam dependendo de uma série de fatores. Antes de tudo, ela deve cumprir sua função de expressão, sendo compreendida pelos interlocutores e ajustando-se aos contextos e às expectativas no momento da comunicação. Dessa maneira, é importante não fomentar o ideal do preconceito linguístico, que implica em julgamentos de valor em relação às diversas variações linguísticas.

A escola desempenha o papel central na perpetuação e propagação do preconceito linguístico e de outras formas de discriminação. Uma formação educacional apropriada para os professores, fundamentada nos avanços das ciências linguísticas e visando à construção de uma sociedade democrática e equitativa, constitui um passo crucial para a crítica e desmantelamento desse ciclo prejudicial, que é o preconceito linguístico.

Conclusão

Constata-se, que reconhecer e respeitar a forma de comunicação de cada grupo é fundamental tanto no ambiente escolar quanto na sociedade em geral. Compreender que, assim como todas as coisas no universo, a linguagem também se transforma. Não existe uma variante de linguagem superior ou mais correta do que outra, uma vez que todas as variantes linguísticas atendem às necessidades da comunidade de falantes que as utilizam.

Observa-se ainda, que o preconceito linguístico no Brasil frequentemente deriva da falta de compreensão sobre a diversidade linguística, e que grande parte desse preconceito pode ser reduzida por meio de iniciativas implementadas nas escolas, visando fornecer a todos os alunos informações adequadas sobre os fenômenos linguísticos.

Nesse contexto, torna-se fundamental considerar e implementar uma formação para os professores, capacitando-os nas competências necessárias para reconhecer a relevância da diversidade linguística e para saber como lidar com ela no ambiente escolar, especialmente no contexto dos conteúdos de Língua Portuguesa.

Isto é, nessa ótica, torna-se evidente a importância da postura adequada do professor em relação à abordagem apropriada das variações linguísticas, baseada em seu uso efetivo e em conexão com o ensino da Língua Portuguesa. Isso permitirá ao estudante compreender de maneira ideal o funcionamento das distintas formas de expressão linguística.

Espera-se que, por meio de estudos linguísticos, a diversidade e as variações linguísticas sejam plenamente compreendidas, contribuindo para que os educandos tenham domínio e conhecimento sobre as variações, de modo que essa consciência possa eliminar o preconceito em relação aos usos da língua em contextos variados.

Referências

BAGNO, Marcos. Preconceito Linguístico – o que é, como se faz. São Paulo: Loyola, 2006.

BIDERMAN, M. T. C. O léxico, testemunha de uma cultura. Actas do XIX Congresso Internacional de Linguística e Filologia Românicas. Universidade de Santiago de Compostela, 1989.

BRASIL. Ministério da Educação e do Desporto. Secretaria de Educação Fundamental. Parâmetros curriculares nacionais terceiro e quarto ciclos do ensino fundamental: Língua Portuguesa. Brasília, DF: MEC/SEF, 1998.

COELHO, I. Sociolinguística. Florianópolis: LLV/CCE/ UFSC, 2010. 172 p.: 28.

COSTA, Catarina de Sena Cerqueira Mendes da. Variação/diversidade linguística, oralidade e letramento: discussões e propostas alternativas para o ensino de Língua Portuguesa. 2012. Disponível em: http://www.ileel.eifu.ler/anaisdosielp/pt/arquivos/Sielp_2012/1438.pdf. Acesso em: 13 out. 2023.

GIL, A. C. Como elaborar projetos de pesquisa. São Paulo, SP: Atlas, 2002.

GOMES, Maria Lúcia de Castro. Metodologia do ensino da língua portuguesa. Curitiba: Editora Ibpex, 2007.

POSSENTI, Sírio. Porque (não) ensinar gramática na escola. Campinas, SP: Coleção Leituras no Brasil, 1996.